



"A POLÍTICA É A MESMA"

Estávamos em pleno governo do General Clarindo de Queirós quando Antônio Sales lançou sua peça teatral *A Política É a Mesma*, uma sátira a esse governante, uma crônica dos últimos acontecimentos políticos, em colaboração com o Tenente Alfredo Peixoto, oficial da Marinha e música dos maestros Antônio Rayol, Capitão Francisco Benévolo¹ e Cadete carioca e flautista Oscar Feital.²

Impressa na Tipografia do Libertador e composta de 3 atos e de 23 quadros, a representação ficou a cargo do Grêmio Dramático Militar com Franklin do Amaral Thebergue, Boaventura Abreu, Pedro Soares, Hermenegildo Seixas, Isabel Santos, Tenente Abílio, Cadete José de Maria Farias e Sousa e outros.

Na Orquestra figuravam Dr. Santos, L. Gondim, Carvalho, Berredo, Capitão Benévolo, Cadete Oscar Feital e na batuta o maestro, tenor, compositor e violinista maranhense Antônio Rayol. Os atores Franklin Thebergue e Isabel Santos, nos papéis do Coronel Anastácio e de Luminária, respectivamente, fizeram as honras do espetáculo.

Infelizmente quatro apenas as representações, duas no mês de julho e nos dias 14 e 18 e outras duas últimas no mês de agosto, dias 1 e 30.

A estréia se deu na terça-feira de 14 de julho de 1891, no Teatro São Luís, na época localizado na rua Formosa (hoje Barão do Rio Branco), frente à esquina da Santa Casa. E um jornal assim noticiava o acontecimento social: *"O teatro iluminado extraordinariamente, artisticamente decorado e regurgitado de espectadores, como estava, apresentava um aspecto galhardo que se coadunava com a ansiedade que invadia todos ante a perspectiva de uma novidade "sui generis", a première de uma revista — coisa que só conhecíamos pelas notícias dos jornais do Rio ou pelos trechos que se tocam nos pianos"*.³

Claro que a data escolhida para a estréia fôï proposital e às vinte e uma horas compareceram ao Teatro o General Clarindo de Queirós⁴ e o Cônsul francês, ocupando ambos o camarote oficial todo adornado para essa noite de gala.

A Orquestra executou a sinfonia de Abertura, **sugestivo** trecho de música descritiva do nosso Antônio Rayol.

Ao subir o pano inciam-se os 3 atos. O ato primeiro se passava no Café Java⁵ e entre as cenas destacavam-se Os Críticos e os Bemóis com música do Capitão Benévolo; Zé Povinho; Litografia, com bela valsa de Oscar Feital; Pedro Valls, onde se destacava a interpretação segura do Tenente Abílio; Peixotinho e, finalmente, Inverno, esta com música de Benévolo. O segundo ato, todo com músicas do tenor maranhense, se desenrolava na Avenida Caio Prado e entre as cenas ficaram marcadas Os Conquistadores, Os Poetas, Peri, O Hipnotizador, O Surdo e Contra-ferra. No derradeiro ato, Cadete Desligado, num arranjo de Feital, Tango dos Queirós,⁶ composição de Rayol, Conde de Aguillar, O Chagas da Gaita, O Tenor Rayol e Capadoçada, essas as melhores passagens.

E numa homenagem apoteótica à data máxima da França, a Orquestra executou o arranjo feito pelo Maestro Rayol dos hinos nacionais brasileiro, português e francês.

O Tenente Alfredo Peixoto, o poeta Peixotinho, imitado magistralmente nessa comédia pelo ator Boaventura Abreu numa das cenas do primeiro ato, amigo de Antônio Sales, colaborador do libreto, desaparecido tragicamente no naufrágio de seu navio Solimões dez meses depois, apareceu em cena e saudou a terra de Victor Hugo com *“palavras vibrantes de entusiasmo e de inspiração, terminando por algumas estrofes belíssimas”*.

Antônio Sales não foi muito feliz com a sua peça teatral mas a recordaria com saudades: *“Numa revista de ano — do ano de 1892, creio — escrita por Alfredo Peixoto e por mim e representada com sucesso no antigo Teatro São Luís, aparecia em cena o Café Java com o Mané Coco, que era maravilhosamente imitado por um rapaz da Escola Militar, de nome Pinheiro”*.⁷

Uma experiência que se repetiria somente quarenta anos depois com outra peça, dessa vez publicada mas nunca encenada . . .

NÓTULAS

- ¹ Francisco Benévolo de Pinho. Chegou a General. Maranguapense, deputado estadual, faleceu a 23 de outubro de 1918 aos sessenta anos de idade. Autor do Hino da Escola Militar do Ceará.
- ² Este mesmo Cadete Feital, exímio flautista, discípulo de Duque Estrada, autor da valsa Sogra muito em voga aqui por Fortaleza, já em 1905 voltara a servir nesta cidade. Acumulava as funções de lente interino de Aritmética e de Álgebra com as de fiscal de obras de canalização de água e de esgoto. Também deputado, era líder da maioria. Reinava, por esse tempo, o Comendador Acióli. Pois bem. Um dia, conta-nos Antônio Sales, ou melhor, Martim Soares em seu livro O Babaquara, Feital ousou na Assembléia discutir um projeto e propor-lhe algumas modificações contrárias aos desejos do velho tiranete. E ouviu deste apenas estas duras verdades: “Fique sabendo que eu não lhe dei um lugar de deputado para o senhor andar se metendo a discutir a

minha vontade. Se não está de acordo com a minha orientação política deixe a cadeira, que eu a darei a outro". E temos conversado. Desse dia em diante o engenheiro militar "nunca mais abriu a boca na Assembléia senão para dizer — Amém!".
Faleceu Oscar Feital, no Rio, a 13 de julho de 1914.

3 Como seria o Teatro São Luís? Deixemos a palavra com o redator de O Diário: "O Teatro São Luís, único que infelizmente possuímos, além de pequeno, é um pardieiro indecente, sem decoração, sem ar, asfixiante, mal feito, um verdadeiro poleiro construído sem a mínima elegância, contra todos os preceitos da higiene e da arte".

4 Franco Rabelo, aos vinte e nove anos de idade, Capitão, casar-se-ia com uma filha do General Clarindo de Queirós, de nome Maria Adelaide, na intimidade Maroquinha, e que lhe daria quatro filhos: Maria, José Clarindo, Clarindo e Alfa, esta mais tarde esposa de Ildefonso Albano. Maroquinha, após melindrosa operação, falecia numa casa de saúde do Rio na terça-feira de 10 de outubro de 1922.

5 Café Java, elegante quiosque da Praça do Ferreira, de propriedade do Senhor Manoel Pereira dos Santos, o Mané Coco, o também dono do Café Cascata e inaugurado a 12 de maio de 1892 na Praça José de Alencar, frente ao Edifício do Congresso. O jornal O Diário de 21 de maio desse mesmo ano registrava:

"O Mané Coco — que é
o homem da novidade —
alegrou mais a cidade
fundando um novo café.

Fica na praça da Feira,
defronte do Benjamim,
à sombra da mongubeira,
cercada por um jardim.

O lugar — é pitoresco,
muito chique e de bom-tom,
o jardim — é muito. . . fresco,
e o café — é muito bom.

Portanto, convido a todos
colegas, de boa nata,
para gozar os engodos. . .
do cafezinho Cascata".

6 "Todos nós somos Queirós" (tango) Versos de Antônio Sales

"Todos nós somos Queirós
família que não tem conta
Quem quiser dar um saltinho
para a ponta
é só chegar-se um pouquinho
para nós.
Boa gente somos nós
fazendinha de bom pano.
Só anda ufano
qualquer sicrano
qualquer beltrano
que tem Queirós.

É uma asneira
que não se exprime
é mesmo um crime
se acaso alguém
ao velho nome (estribilho)
já tão usado
não tem juntado
Queirós também.

Não vem lá de meus avós
meu atual sobrenome,
pois, acompanhando a moda
junto ao nome,
como faz a gente toda,
— de Queirós.
É uma tolice atrás
a pessoa que ao presente
não é parente,
nem aderente
da boa gente
que tem Queirós”.

- 7 Era Pinheiro Júnior um dos cadetes transferidos da Escola Militar da Praia Vermelha para a nossa Escola Militar.